

## A MUSICOTERAPIA E O HOMEM CONSTRUÍDO POR FORA. A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

### *MUSIC THERAPY AND THE MAN BUILT FROM THE OUTSIDE. CONTEMPORARY SUBJECTIVITY*

*Marly Chagas<sup>1</sup>*

---

**Resumo:** Este é um trabalho de pesquisa teórico conceitual sobre diferentes concepções que envolvem música e subjetividades em musicoterapia. Aponta dois polos: o uso da música contribuindo na formação e no desvelamento de subjetividades; e a música como parte de um processo de produção de subjetividades. São abordadas consequências práticas advindas dessas concepções teóricas. Propõe a cartografia como modo de pesquisa para a concepção de subjetividades produzidas. Conclui pela importância do pensar teórico em Musicoterapia.

**Palavras-chave:** teoria em musicoterapia, produção de subjetividades, cartografia.

**abstract:** This is a conceptual theoretical research work on different conceptions involving music and subjectivities in music therapy. It points to two poles: the use of music contributing in the formation and unveiling of subjectivities; And music as part of a process of production of subjectivities. Practical consequences arising from these theoretical conceptions are addressed. It proposes cartography as a way of research for the conception of produced subjectivities. It concludes by the importance of theoretical thinking in Music Therapy.

**Keywords:** theory in music therapy, production of subjectivities, cartography.

---

## 1. IMPORTÂNCIA DA TEORIA EM MUSICOTERAPIA

Este é um trabalho que reflete sobre um tema pouco explorado na musicoterapia, ou seja a investigação de aspectos conceituais que dizem respeito a diferentes possibilidades do uso da música na formação de subjetividades, por um lado, e na sua produção, por outro. Contamos com pouca publicação, conceitual, principalmente em português, neste quesito epistemológico. embora Brus-

---

<sup>1</sup> Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8374727197262476>. marlychagas@hotmail.com

cia (2000, 2016) Ruud (1990) e Barcellos (2016, 2009, 1998) possam ser citados como marcos. Até mesmo este encontro, cujo título é “Perspectivas em Musicoterapia: Pesquisas, Práticas e Teoria, apresenta subtemas para pesquisa nas diversas práticas e não disponibiliza espaço para a inscrição de pesquisa conceitual, teórica. Esse fato é exemplar indicador dos caminhos por onde andam as preocupações dos pesquisadores brasileiros.

Encontrar uma teoria consoante com o nosso trabalho profissional, não é tarefa fácil. No entanto, o que selecionamos observar, intervir e escutar; o que concebemos sobre o sofrimento humano, o que propomos musicalmente em nossa atividade terapêutica é fruto de uma visão de mundo, de um posicionamento teórico. O instigante é que a teoria escolhida pelo pesquisador ou pelo clínico altera sua percepção dos fatos e até mesmo o resultado de sua pesquisa, já que “teoria e pesquisa são dois termos da produção do conhecimento que se retroalimentam” (ABREU, R, 2005 p29). Isto é, ao adotar determinado posicionamento teórico, a própria observação é contaminada por essa teoria que interpreta dados, e a interpretação desses dados alterará a teoria utilizada.

Edgar Morin, traz uma importante contribuição a esse pensamento quando afirma:

Uma realidade de conjunto só se manifesta através de teorias, interpretações, sistemas de pensamento. Todo conhecimento de uma realidade política, econômica, social, cultural depende de sistemas de interpretação da política, da economia, da sociedade, da cultura, sistemas que são interdependentes de um sistema de interpretação da história (MORIN, 1995, p. 131).

Qualquer teoria é uma interpretação da realidade.

## MUSICOTERAPIA

### **2. O SUJEITO REVELADO, E O SUJEITO PRODUZIDO – DUAS DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

No nosso campo, o conhecimento em musicoterapia, se articula entre dois polos distintos diferentes que concebem a influência da música na formação da subjetividade humana.

Em um desses polos, o sujeito é revelado pela música e o musicoterapeuta pode ajudá-lo nesse desvendar.

Para a compreensão desta perspectiva, é útil entendermos a um dos primeiros modelos formulados por Freud (1996) para o psiquismo humano, que foi compará-lo a uma cebola. A tarefa do psicanalista seria descascá-la para que o núcleo patogênico do sujeito fosse atingido.

De uma forma semelhante, encontramos em musicoterapia, mesmo fora da psicanálise, a compreensão de que o sujeito precisa ser revelado pela música. Em vários textos Lia Rejane Barcellos indica esta compreensão:

(...) o paciente pode utilizar a música por preferências sonoras, rítmicas, melódicas, por determinados instrumentos, (timbres, formas, texturas e temperatura); por letras, ou por querer exclusivamente explorar estes mesmos aspectos em resposta a algo vivido ou feito pelo musicoterapeuta, ou, concordando-se com Bruscia, para explorar ou expressar sentimentos ou algo do seu mundo interno (BARCELLOS, 2009, p. 13).

O canto improvisado é uma maneira efetiva para que a pessoa se conecte com imagens, memórias e associações do inconsciente pessoal e coletivo para que traga esse material à consciência (BARCELLOS, 1999, p. 78).

Nesta ótica, os principais sistemas de enunciados e de estruturas subjetivas estão pré formadas, no interior do sujeito. Isso não quer dizer que sejam facilmente identificados. A coleta de dados sonoro-musicais e as fichas de testificação musical, nessa abordagem, tem um grande valor clínico.

Com a realização da testificação musicoterapêutica, se completa a ficha musicoterapêutica e se tem elementos suficientes para dar início ao trabalho, tendo já alguns aspectos delineados com relação ao paciente (BARCELLOS, 2016, p 205).

Enfatizo que esta não é uma abordagem simplista, já que é o sujeito o narrador musical de sua (s) história (s)” (BARCELLOS, 2016), Mesmo que as estruturas subjetivas estejam pré-formadas, novos sentidos podem ser acoplados antigos significados

O outro polo conceitual coloca o sujeito como produzido por vários processos de subjetivação. Para a compreensão desta perspectiva, utilizamos a metáfora da máquina (DELUZE E GUATTARI, 1976) visto que estamos em constante trocas e ajustes com o outro, com o ambiente, com a tecnologia.. O incons-

ciente maquínico é produzido por diferentes materiais em diferentes acessos, "não é um teatro, é uma fábrica, é produção. O inconsciente produz". (DELEUZE, 2001). O eu é visto como "efeito de uma função ou operação que sempre se produz na exterioridade desse eu". (Domenech; Tirado; Gómez, 2001, p. 122).

A ênfase desse processo em musicoterapia, desloca-se do desvendamento do oculto para a experimentação e construção de si. A música e os elementos sonoros, aqui têm importância de produtores de processos de subjetivação (CHAGAS, 2006). As materialidades musicais e seus conjuntos de signos expressivos possibilitam à pessoa agenciar-se de novas maneiras. Agenciamentos e múltiplos. Tocar, cantar, improvisar, compor fazem parte de uma experimentação de si, que agrega componentes a todos os outros vividos, modificando-os e sendo modificados por eles. Dizer o indizível e escutar o surpreendente de seu próprio som. Provocações de sensações, sentimentos, impressões novas produzidas através da música, dos sons, das canções. Intensos processos de subjetivação, que proporcionam a experimentação de mais e mais subjetividade.

A subjetividade é aqui pensada em um contexto de produção fora da pele, não interiorizada, agenciada. Uma construção aberta para o seu ambiente, mantendo todo tipo de relações com os componentes sociais e com as subjetividades individuais através desses diferentes agenciamentos. A vida é reinventada, revivida, ressignificada ali mesmo, perante aos nossos olhos e ouvidos

Na prática da musicoterapia, a consequência desse ponto de vista, é a pouca utilidade da maioria das informações prévias sobre qualquer aspecto. Processos de subjetivação são momentâneos e consumidos no ato de sua expressão. A subjetividade é produzida nos elementos da música, realizados ao vivo no fazer musical de uma clínica em musicoterapia. O cliente e o musicoterapeuta, à semelhança do escritor, inventam agenciamentos, a partir de agenciamentos que o inventaram<sup>2</sup>. A musicoterapia funciona, assim, como um facilitador da passagem de uma multiplicidade para a outra. No entanto, como bem nos lembra Deleuze, "o difícil é fazer com que todos os elementos de um conjunto não homogêneo conspiram, fazê-los funcionar juntos" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65)

---

<sup>2</sup> "O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar de uma multiplicidade para a outra." (Deleuze e Parnet, 1998, p. 65)

A produção de subjetividade, apesar de sua forte concepção social, traz carrega a possibilidade de desenvolvimento de *modos de subjetivação singulares* (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 16,17), de automodelações que rompem a tentativa de homogeneização que a massificação pressupõe.

Atualmente, é comum a produção de subjetividade que “não conhece dimensões essenciais da existência – como a morte, a dor, a solidão, o silêncio, a relação com o cosmos, com o tempo” (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 43). Em nossa prática clínica, conhecemos as expressões de raiva, de conquista, a emoção de pessoas e familiares que convivem com doenças incontroláveis, com a velhice, com a morte. São possibilidades de produção de modos singulares de subjetivação. É uma privilégio o contato com a possível intimidade com o domínio da ruptura, da surpresa, da angústia, do desejo, da vontade de amar e de criar, mesmo que se encaixem “de algum jeito nos registros de referências dominantes”. (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p. 43)

Valter experienciava simultaneamente potencias e limites. Reinventava-se a cada dia. Nas saídas de sexta-feira com a esposa, descobriu o prazer da cerveja sem álcool. Reunia amigos em sua casa, procurava por outras concepções de espiritualidade que o colocavam mais perto de humanos que vibravam por ele e manifestavam o carinho por sua existência. Provocava encontros com seus pais e irmã, explicitava a necessidade de cuidados a sua família. Esforçava-se, ao máximo, para continuar com os pequenos mimos cotidianos que oferecia a sua esposa; para permanecia atento a tarefa de educar seus filhos. As canções evocadas – cantadas e escutadas no laptop – iam acompanhando essas mudanças *Ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir / Tenho muito pra contar / Dizer que aprendi / E na vida a gente tem que entender / Que um nasce pra sofrer / Enquanto o outro ri / Mas quem sofre sempre tem que procurar / Pelo menos vir a achar / Razão para viver / Ver na vida algum motivo pra sonhar / Ter um sonho todo azul / Azul da cor do mar.*<sup>3</sup> (CHAGAS, 2015)

A música, de maneira muito eficiente, produz novos enunciados, seja através da improvisação, da audição, da composição ou da canção. Em muitas sessões o cliente fica envolvido na tarefa de tocar, de improvisar, de experimentar os sons. Nestes agenciamentos, acontecem cadeias a-significantes de experimentações subjetivas. Por exemplo, tocar reco-reco, para um portador de hemiplegia e sentir vibrar o corpo através do contato direto com as sonoridades emitidas por

---

<sup>3</sup> TIM MAIA, Azul da cor do Mar.

um instrumento, pular ao som de uma canção, para uma criança. Em sessões de musicoterapia, não precisam existir efeitos de significação no sentido linguístico. Há experimentação musical, ou seja, uma enunciação subjetiva muito própria aos processos musicoterapêuticos. Aciona-se a potência de um devir, atuando nas bordas da ressonância entre sons, emoções, seres.

O trabalho da musicoterapia, a partir das subjetividades como produção, valoriza situações contemporâneas que incluem em nosso campo, a apresentação de grupos musicais na saúde mental, os concertos de crianças autistas, as gravações de vozes e instrumentos vários, o atendimento domiciliar. A produção de enunciados proposta pela utilização da música em musicoterapia, dá visibilidade ao aspecto de produção coletiva, onde não há um sujeito cujas estruturas internas são as únicas responsáveis pela formulação de enunciados. “O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos”. (DELEUZE; PARINET, 1998, p. 65).

### **3. A PESQUISA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.**

Uma subjetividade produzida terá modos próprios de investigação. Um processo sempre reinventado, implica em conclusões, análises e metodologias de trabalho compatíveis com essas formas de ver o campo.

A cartografia é um método de investigação condizente com essas propostas. Ela acompanha o estudado ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação acontecem na paisagem. A tarefa do cartógrafo é “dar língua aos afetos que pedem passagem” (ROLNICK, 1989, p. 15). O pesquisador mergulha nas intensidades de seu tempo e fica atento às linguagens que encontra, para incorporar, na composição das cartografias, todos os elementos que se fazem necessários. A cartografia pode utilizar-se de quaisquer elementos, histórias, músicas, sonoridades, situações que tornem visível o estudado. Favorece a passagem das intensidades que tornam visíveis as forças que compõem o pesquisado. Inclui a fluidez.

“o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.*

O problema, para o cartógrafo, não é o do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. (ROLNIK, 1989., p. 66 a 68)

A cartografia é efêmera. O pesquisado por definição, muda a cada novo agenciamento. Para o pesquisador é indispensável a atitude de curiosidade e abertura para entender o efêmero... e recomeçar.

*Começaria tudo outra vez, Se preciso fosse, meu amor.<sup>4</sup>*

#### 4. PENSAR TEORIA

Discutir teoria, em Musicoterapia é tarefa atual e indispensável. Através dessas reflexões, podemos aprofundar e ampliar nossas investigações e nossas ações. Podemos escolher caminhos que incluem políticas de inserção de nosso conhecimento e de nossas práticas. Reinventar o que fizemos até aqui, e gerar-mos novas esperanças de futuro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, REGINA. Chicletes eu misturo com banana? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEO, Vera. (Orgs.) *O que pé memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa. PPGMS-UERJ, 2005.

BARCELLOS, LIA REJANE MENDES. *Quaternos de Musicoterapia e Coda*, Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

---

<sup>4</sup> GONZAGUINHA, Começaria tudo outra vez.

\_\_\_\_\_. *A música como metáfora em musicoterapia*. Rio de Janeiro. 2009. 219 f. Tese. Doutorado em Música. Centro de letras e artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Musicoterapia: Transferência, Contratransferência e Resistência*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BRUSCIA, Keneth. *Definido Musicoterapia*, Segunda Edição. Tradutor: Mariza Velloso .Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

\_\_\_\_\_. *Definido Musicoterapia*, Terceira Edição. Tradutor: Marcus Leopoldino. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

CHAGAS, MARLY. *Processos de subjetivação na música e na clínica em musicoterapia*. Rio de Janeiro, 2007, 188f. Tese. Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ. 2007.

\_\_\_\_\_. Viver e não ter a vergonha de ser feliz, a musicoterapia em cuidados paliativos. In: Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, (15), 2015, Rio de Janeiro, ANAIS... UBAM, não publicado.

DELEUZE, GILLES. *O Abecedário de Gilles Deleuze* entrevista a Claire Parnet, Paris: Editions Montparnasse, 1997.

\_\_\_\_\_, GUATTARI, FÉLIX. *O anti-édipo*. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976

\_\_\_\_\_. PARNET, CLAIRE. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998

DOMENECH, M.; TIRADO F.; GÓMEZ L. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, T. T. *Nunca fomos modernos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREUD, SIGMUND – Recordar, repetir elaborar, *Obras Completas*, v. XII. p. 193. Rio de Janeiro: Imago, s/d..

GUATTARI, FELIX.; ROLNIK, SUELY. *Micropolítica, cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOURIN, EDGAR. KERN, ANNE BRIGITTE. *Terra Pátria*. Tradutor: Paulo Azevedo Neves da Silva. Sulinas: Porto Alegre, 2002.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental*. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Edições Liberdade. 1989.

RUUD, EVEN, *Caminhos da Musicoterapia*. Tradutor: Vera Wrobel. Rio de Janeiro: Enelivros, 1990.

